

O ACOMPANHANTE ESPECIALIZADO COMO SUPORTE A ESTUDANTES AUTISTAS EM UMA ORQUESTRA NA ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

THE SPECIALIZED COMPANION AS SUPPORT FOR AUTISTIC STUDENTS IN AN ORCHESTRA AT THE SCHOOL OF MUSIC OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF PARÁ

Thaynah Patricia Borges Conceição

UFPA

Rafaela Alcantara Barata

UFPA

Áureo Déo DeFreitas Júnior

UFPA

Resumo

Este trabalho tem como campo de estudo a prática do acompanhante especializado como suporte a estudantes autistas em uma orquestra. O objetivo é investigar como ocorre a prática do acompanhante especializado com estudantes diagnosticados com TEA no naipe de violoncelo da Orquestra Infanto-Juvenil Helena Maia, da Escola de Música da Universidade Federal do Pará. O método utilizado foi qualitativo, com observação direta dos ensaios, registros fotográficos e entrevistas com o acompanhante especializado. Pesquisadores apontam para uma dinâmica positiva de apoio e integração, em que o acompanhante desempenha um papel crucial na adaptação dos alunos às exigências da prática orquestral. Como reflexão final, destaca-se a importância desta intervenção no contexto das escolas de música especializadas, evidenciando-se a contribuição do suporte especializado para o êxito educacional e social dos alunos autistas.

Abstract

This study focuses on the practice of the specialized aide as a form of support for autistic students within an orchestral setting. Its objective is to investigate how the work of the specialized aide is carried out with students diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the cello section of the Helena Maia Children and Youth Orchestra, at the School of Music of the Federal University of Pará. A qualitative methodological approach was adopted, involving direct observation of rehearsals, photographic records, and interviews with the specialized aide. The findings indicate a positive dynamic of support and integration, in which the aide plays a crucial role in facilitating students' adaptation to the demands of orchestral practice. As a final reflection, the study highlights the importance of this intervention in the context of specialized music schools, underscoring the contribution of specialized support to the educational and social success of autistic students.

Palavras-chave:

Prática de orquestra; acompanhante especializado; autismo.

Keywords:

Orchestral practice; specialized aide; autism.

INTRODUÇÃO

Com o crescimento do número de casos de pessoas diagnosticadas com autismo, cada vez mais é comum o aumento no número de estudantes de música nas escolas especializadas. Portanto, é fundamental compreender as particularidades do autismo e buscar estratégias eficazes para lidar com as demandas educacionais desses estudantes. Além disso, ao buscar essas estratégias, contribui-se para a desconstrução de estigmas e preconceitos, promovendo a inclusão e proporcionando oportunidades iguais de aprendizado e desenvolvimento para todos os estudantes, independentemente de suas características específicas.

Segundo Whitman (2015), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por alterações significativas na comunicação e na interação social, bem como pela presença de interesses restritos e comportamentos repetitivos. O número de casos de autismo na população tem aumentado de maneira expressiva nos últimos anos. De acordo com o Jornal da Universidade de São Paulo (Diagnóstico..., 2018), aproximadamente uma em cada 70 crianças é diagnosticada com TEA no Brasil, sendo mais de 300 mil ocorrências apenas no estado de São Paulo. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que 1% da população mundial possua diagnóstico de TEA.

Diante desse cenário, em que pessoas com necessidades educacionais específicas estão sendo incluídas nas diversas instâncias educacionais por força da legislação, muitas vezes se torna necessário o uso de estratégias e recursos que viabilizem essa inclusão de forma efetiva. Considerando as múltiplas especificidades que uma pessoa no espectro autista pode apresentar, em determinados casos será necessário o suporte especializado, com foco na adaptação do ambiente escolar para garantir o desenvolvimento de habilidades e promover uma inclusão significativa. Um desses suportes pode incluir a presença de acompanhante especializado, com formação e conhecimentos específicos sobre as necessidades e características do espectro

autista.

Como o acompanhamento especializado escolar se trata de uma atuação profissional recente e pouco conhecida no meio social e acadêmico, esta pesquisa aqui descrita poderá contribuir para a promoção de discussões mais amplas sobre inclusão no contexto das escolas de música especializadas. Entende-se o acompanhamento especializado como uma das estratégias no processo de inclusão, e deve ser proposto quando há uma real demanda, pois não são todos os alunos autistas que requerem um acompanhamento.

No Brasil, faltam dados referentes a este tipo de suporte em escolas de música ou orquestras. Assim, a pesquisa aqui descrita apresenta uma inovação nesse contexto. Ao realizar buscas em sites oficiais de teses e dissertações e no Google Acadêmico, foram encontradas diversas pesquisas relacionadas ao acompanhamento especializado escolar, acompanhante terapêutico escolar, facilitador ou monitor de crianças autistas no contexto escolar, mas não há menção desse tipo de recurso profissional no âmbito musical.

Ao analisar artigos em periódicos, não são encontradas referências a trabalhos com autistas em orquestras de estudantes de nível técnico no Brasil, nem mesmo com a presença do acompanhante especializado. Considerando que, em uma escola de música especializada, o aluno regularmente matriculado deve cumprir disciplinas obrigatórias que incluem a prática instrumental em conjunto, é comum que a maioria dessas instituições inclua em sua grade curricular a prática em orquestra. Geralmente, essas orquestras são formadas por alunos que já estão em processo de formação técnica, matriculados em um curso técnico em música.

O contexto histórico da Escola de Música da Universidade Federal do Pará (EMUFPA) esteve intrinsecamente vinculado ao desenvolvimento da prática orquestral na cidade de Belém do Pará, Brasil. Na década de 1960, teve início um movimento voltado a suprir a carência de atividades musicais na capital paraense. A formação da Orquestra da UFPA, em 1964, ocorreu com adaptações decorrentes de lacunas instrumentais, apresentando, ainda

assim, um repertório diversificado, com obras clássicas e contemporâneas, música lírica brasileira, música sinfônica romântica e excertos orquestrais (Barros; Gomes, 2004). Em 1970, a instituição educacional foi oficialmente inaugurada com o objetivo de formar músicos para essa orquestra, oferecendo cursos voltados à formação de novos instrumentistas, à expansão dos conjuntos artísticos da região e ao incentivo à pesquisa sobre as manifestações musicais tradicionais (Vieira, 2000).

A Orquestra Infanto-Juvenil Helena Maia, espaço no qual se desenvolve a presente pesquisa, foi criada em agosto de 2004 pela professora Sílvia Matos, realizando sua primeira apresentação no 31º Encontro de Artes de Belém (ENARTE). Com o objetivo de proporcionar aos alunos de cordas friccionadas dos níveis iniciais a vivência da prática orquestral, o grupo trabalha um repertório diversificado, composto por obras de diferentes períodos históricos, de forma a permitir o desenvolvimento técnico dos integrantes com ênfase na diversidade de estilos musicais. Desde sua fundação, a orquestra tem se apresentado em salas de concerto de Belém, como o Theatro da Paz, a Igreja de Santo Alexandre e o Espaço São José Liberto, participando de eventos relevantes para o cenário artístico-cultural local (Escola..., 2025a).

Vale destacar que o acompanhante especializado não atua nesse contexto apenas para assegurar o êxito na prática instrumental, mas também para oferecer suporte técnico, social e emocional ao estudante. Considerando que a prática orquestral se desenvolve em um ambiente educacional, o estudante com TEA possui respaldo legal para contar com a presença desse profissional no contexto musical. Esta pesquisa se justifica pela relevância do profissional responsável pelo acompanhamento especializado de estudantes de música no contexto da prática orquestral, considerando o crescente quantitativo de pessoas com o transtorno inseridas nesse ambiente. O objetivo principal é investigar como ocorre a prática do acompanhante especializado com estudantes diagnosticados

com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no naipe de violoncelo da Orquestra Infanto-Juvenil Helena Maia, da Escola de Música da UFPA.

SUBSÍDIOS À PRÁTICA

A Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), assegura, em seu artigo 3º, inciso IV, o direito à educação e ao ensino profissionalizante às pessoas com autismo. Além disso, em seu parágrafo único, a referida legislação prevê, em caso de comprovada necessidade, o direito ao acompanhamento por profissional especializado no contexto escolar (Brasil, 2012).

A Lei de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) estabelece o direito do estudante autista a contar com o apoio de um Acompanhante Especializado em sala de aula, quando apresentar dificuldades significativas de convivência social e manejo comportamental.

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista: Parágrafo único. "Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado" (Brasil, 2012, p. 1).

Deste modo, comprehende-se que a necessidade de um suporte individualizado para estudantes que apresentam barreiras de aprendizagem específicas é fundamental para garantir seu desenvolvimento escolar e social. Nesse contexto, a presença de um profissional capacitado pode fazer toda a diferença no processo de aprendizagem e na promoção da autonomia dos estudantes com autismo.

Com o objetivo de orientar instituições de maneira geral, mas, em especial, as escolas, foi estabelecida, em 2013, a Nota Técnica n. 24/2013, que aborda diversos pontos em seu

texto. Um deles busca esclarecer as funções exercidas pelo Acompanhante Especializado, conforme citado na Lei do Autismo. A nota o descreve como um profissional de apoio e estabelece algumas sistematizações a respeito de suas atribuições:

- I. Destina-se aos estudantes que não realizam as atividades de alimentação, higiene, comunicação ou locomoção com autonomia e independência, possibilitando seu desenvolvimento pessoal e social;
- II. Justifica-se quando a necessidade específica do estudante não for atendida no contexto geral dos cuidados disponibilizados aos demais estudantes;
- III. Não é substitutivo à escolarização ou ao atendimento educacional especializado, mas articula-se às atividades da aula comum, da sala de recursos multifuncionais e demais atividades escolares;
- IV. Deve ser periodicamente avaliado pela escola, junto a família, quanto a sua efetividade e necessidade de continuidade (Brasil, 2013, p. 2).

Contudo, apesar de a lei garantir a presença deste profissional na escola, nenhum dos documentos especifica os requisitos e a formação exigidos para o papel de acompanhante especializado. Com base nas informações encontradas, espera-se que esse profissional possua conhecimentos técnico-psicopedagógicos relacionados ao transtorno, a fim de garantir um suporte adequado à pessoa autista no contexto educacional. O acompanhante especializado desempenha um papel crucial na educação inclusiva, funcionando como suporte na adaptação do ambiente escolar para atender às necessidades específicas dos alunos com TEA. Este profissional é capacitado para colaborar na inclusão de pessoas com o transtorno em escolas regulares, assegurando que recebam o apoio necessário para participar de forma plena e eficaz nas atividades escolares.

Como apontado por Romeu e Rossit (2022), observa-se uma lacuna significativa de estudos sobre a atuação interdisciplinar voltada para pessoas com TEA, refletindo na diversidade

de formações dos profissionais envolvidos nesse processo. Embora uma parte substancial desses estudos tenha origem na área da saúde, conforme observado por Miranda e Camargo (2023), a literatura revela que o trabalho interdisciplinar no contexto escolar pode ser desempenhado por profissionais de diferentes áreas. O aspecto fundamental reside na competência desse profissional em compreender as particularidades do TEA e aplicar estratégias psicopedagógicas que favoreçam a inclusão e o desenvolvimento dos alunos.

Baseados nas concepções sociointeracionistas de Vygotsky, é possível refletir que a construção do conhecimento ocorre por meio de um mediador, cuja função, na maioria das vezes, é exercida pelo professor, que interage com o aluno e o ambiente, garantindo um processo de ensino-aprendizagem repleto de significações. No que se refere a esse fazer psicopedagógico, Rego (1995) destaca as zonas de desenvolvimento da aprendizagem descritas por Vygotsky, que, em suas observações, as dividiu em três: Zona de Desenvolvimento Potencial (relacionada às capacidades inatas de todo indivíduo); Zona de Desenvolvimento Proximal (período de desenvolvimento das capacidades, com o auxílio de um mediador); e Zona de Desenvolvimento Real (período em que o indivíduo consegue se desenvolver sem o auxílio constante do mediador), ou seja, quando as capacidades já estão plenamente desenvolvidas.

Para Cordeiro (2017), o acompanhante especializado tem um foco de atuação mais evidente na Zona de Desenvolvimento Proximal, atuando na mediação das potencialidades do aluno com Necessidades Educacionais Especiais, auxiliando-o no contato com o conteúdo apresentado e buscando promover sua maior autonomia nos processos educativos e sociais. Nesse processo, em que o indivíduo, histórica e culturalmente, tem a possibilidade de modificar suas estruturas cognitivas por meio de métodos de investigação e ação, surgem as bases para o Ensino Colaborativo, com a figura do mediador atuando em parceria com o professor regente da classe, entrelaçando o processo de ensino colaborativo em prol de um bem comum.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de observação de caráter qualitativo, atualmente em andamento no grupo de pesquisa Transtornos do Desenvolvimento e Dificuldades de Aprendizagem (GP-TDDA/UFPA). O objetivo principal dos pesquisadores é investigar como ocorre a prática do acompanhante especializado com estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no naipe de violoncelo da Orquestra Infanto-Juvenil Helena Maia, da Escola de Música da UFPA. Para a coleta de dados relacionados à prática do acompanhante especializado, recorremos ao relato oral deste profissional, que também é docente da referida instituição, registrado em formulário próprio, além de registros fotográficos realizados no período da investigação.

A pesquisa em questão caracterizou-se como um estudo de caso, qualitativo, não experimental, de caráter transacional e descritivo, conforme conceituado por Richardson (1999). Segundo o autor, esse tipo de pesquisa busca, *in loco*, levantar informações sobre um problema previamente estudado por meio de fontes teóricas, permitindo, assim, a análise do fenômeno tal como ocorre. Essa metodologia privilegia o contexto, focando na realidade local e conectando-a à totalidade na qual se constrói a inclusão em uma escola de música especializada.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um roteiro de observação participante, entendido como:

[...] um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa (Richardsson, 1999, p. 70).

O *locus* da pesquisa foi a Escola de Música da UFPA, localizada no bairro Nazaré, no Centro de Belém (Pará), na Avenida Conselheiro Furtado, 2007. Trata-se de uma escola técnica especializada na oferta de cursos voltados à formação profissional em música, vinculada à Universidade Federal do Pará. Reconhecida pela qualidade na formação de músicos profissionais no estado do Pará, a EMUFPA oferece, anualmente, de forma pública e gratuita, vagas para estudantes que estão cursando o ensino médio e que possuam conhecimento prévio no curso de Música, além de cursos livres de música oferecidos por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão.

A EMUFPA oferece, para os estudantes que desejam ingressar em um curso de nível técnico, três opções: Canto, Composição e Arranjo, e Instrumento Musical. Este último é dividido em Música Popular, Banda Sinfônica e Orquestra. Atualmente, os cursos têm carga horária total de 800 horas e duração de dois anos. O diploma conferido após a conclusão do curso é válido em todo o território nacional, e o ingresso é realizado por meio de processo seletivo regido por editais lançados anualmente.

A organização curricular dos cursos é semestral, com aulas distribuídas em quatro turnos distintos, dependendo do curso. Para o curso Técnico em Instrumento Musical: Orquestra, o turno integral é das 14h00 às 19h40, com foco na formação técnica voltada para a prática orquestral. O currículo inclui as disciplinas Prática de Orquestra I, II, III e IV, cada uma com 56 horas de carga horária, distribuídas ao longo dos quatro semestres do curso (Escola de Música da Universidade Federal do Pará, 2025b). A matrícula e a frequência nessas disciplinas são obrigatórias.

Por se tratar de uma pesquisa que envolveu intervenção com pessoas, o projeto foi submetido à apreciação da Comissão de Ética em Pesquisa e devidamente registrado na Plataforma Brasil, como parte integrante de uma tese de doutorado (CAAE: 80964424.0.0000.0018), vinculada ao Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará.

Os participantes da pesquisa foram três alunos de violoncelo com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), integrantes da Orquestra Infanto-Juvenil Helena Maia. Dois deles, com idades de 17 e 26 anos, são estudantes em formação no Curso Técnico em Instrumento Musical, com ênfase em Orquestra e habilitação em Violoncelo. O terceiro participante, com 41 anos, é egresso do mesmo curso, bem como da Especialização Técnica em Performance Instrumental em Orquestra, também com habilitação em Violoncelo.

A participação dos dois primeiros estudantes ocorreu em caráter obrigatório, como requisito curricular da disciplina de Prática de Orquestra, enquanto o participante egresso integrou o grupo de forma voluntária. Ressalta-se que todos necessitaram de acompanhamento especializado como suporte, tanto em função do diagnóstico de TEA quanto para a garantia de seus direitos educacionais.

A prática de orquestra, que inclui também os ensaios de naipe específicos para os alunos de violoncelo, foi acompanhada por meio de observações semanais realizadas entre os dias 10 de outubro de 2024 e 11 de abril de 2025, totalizando quatro dias de observação direta. Ressalta-se que a referida prática orquestral permaneceu em continuidade até o presente período de revisão final deste estudo, em outubro de 2025.

Para garantir o foco da pesquisa, e permitir uma análise mais detalhada, foi elaborado um roteiro com sete pontos principais a serem observados: duração das aulas/ensaios; interação do acompanhante com a professora da orquestra (maestra); interação do acompanhante especializado com os alunos de violoncelo; planejamento das atividades; metodologia de ensino; acompanhamento profissional (coordenação ou outros); e estratégias utilizadas pelo acompanhante para incluir seus alunos nas atividades propostas pela orquestra.

Os resultados apresentados neste estudo derivam da observação direta dos ensaios orquestrais, de registros fotográficos sistematizados e de entrevistas realizadas com o acompanhante especializado

responsável pelo suporte psicopedagógico e social dos participantes. Após o período de observação direta, foi aplicada uma entrevista semiestruturada. Lakatos (2003) a define como um instrumento no qual o entrevistador segue os moldes de um roteiro previamente estabelecido com a possibilidade de adaptações com vistas a analisar o discurso produzido pelos participantes da pesquisa.

DESCRÍÇÃO DA PESQUISA E RESULTADOS

O acompanhante especializado a que se refere esta pesquisa é o docente de violoncelo que identificou as necessidades de seus alunos autistas, os quais precisavam cumprir a disciplina Prática de Orquestra no curso técnico da EMUFPA. Por iniciativa própria, o professor se disponibilizou e se apresentou à professora/maestra responsável pela prática orquestral como acompanhante especializado desses alunos durante as atividades, não havendo objeção por parte da responsável, uma vez que é comum que professores participem ativamente das orquestras como forma de incentivo, especialmente em formações compostas por estudantes.

No entanto, nesse contexto específico, é importante destacar que o professor também assume o papel de acompanhante especializado, o que exige atenção às particularidades do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Assim como outros transtornos, o TEA demanda um conhecimento mínimo sobre suas causas, manifestações, características, formas de manejo e, no âmbito educacional, métodos e estratégias adequadas de ensino.

O referido professor possui conhecimento prévio sobre os aspectos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista e, o que também é relevante mencionar, conhece seus alunos de forma mais específica, o que lhe permite manejar comportamentos de maneira adequada em diversas situações que possam surgir no contexto dos ensaios e aulas de uma orquestra de cordas composta por pessoas neurotípicas e neuroatípicas. Esta prática corrobora os apontamentos de Cordeiro (2017), que destaca que os acompanhantes

especializados, de forma geral, reconhecem na interação o principal recurso para a inclusão de seus alunos, considerando que é por meio dela que o indivíduo se constrói no meio em que vive.

Durante as observações, especialmente nos ensaios de naipe, o professor desenvolve com os alunos autistas de violoncelo a leitura prévia das obras que serão trabalhadas posteriormente com a orquestra. O ensaio é conduzido de maneira leve e, ao mesmo tempo, metodologicamente bem estruturada, iniciando-se com exercícios de aquecimento e escalas. Em seguida, avança-se para a execução do repertório. A abordagem tem início em um andamento mais lento, evoluindo gradualmente até alcançar o andamento original da obra. Além disso, o professor seleciona trechos específicos das músicas nos quais os alunos apresentam maior dificuldade técnica, conduzindo o ensaio de forma contínua, coerente e prazerosa.

Na hora seguinte, ocorre o ensaio da orquestra. Os alunos se deslocam para a sala de ensaio acompanhados por seu professor, que, nesse momento, assume a função de acompanhante especializado. A maestra conduz os ensaios de forma descontraída, fazendo, por vezes, menções elogiosas aos violoncelos. Observa-se um cuidado especial em relação às palavras e aos olhares, possivelmente influenciado pela presença do professor dos alunos na orquestra. A interação dos alunos com os demais integrantes da orquestra revela-se indiferente, sem conversas, trocas ou contribuições mútuas perceptíveis entre eles.

Durante o primeiro semestre de 2025, a maestra titular da orquestra adoeceu e foi temporariamente substituída por outra maestra. Embora ciente da presença dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e de seu acompanhante especializado, a nova maestra conduziu os ensaios de forma mais tradicional e generalista, sem adotar estratégias específicas voltadas à inclusão. A condução seguiu os moldes usuais de



Figura 1 - Ensaio de naipe de violoncelos da orquestra, realizado em sala de aula da escola. Dois estudantes participam do ensaio, cada um com o violoncelo apoiado e a mão esquerda em posição de descanso. Os rostos foram propositalmente desfocados para preservação da identidade e garantia de privacidade.

Fonte: Acervo pessoal de Thaynah Patricia Borges Conceição.



Figura 2 – Ensaio geral da orquestra realizado na sala de ensaios da escola. Na imagem, observam-se seis instrumentistas tocando violino e viola, acompanhados pela maestrina. Dois estudantes com diagnóstico de TEA participam da atividade, com os rostos propositalmente desfocados para preservação de identidade, enquanto o acompanhante especializado aparece de forma identificável.

Fonte: Acervo pessoal de Thaynah Patricia Borges Conceição.

uma orquestra composta majoritariamente por alunos neurotípicos, sem observações individualizadas ou feedbacks direcionados.

No início do ano letivo de 2025, observou-se uma mudança significativa: todos os alunos de violoncelo, exceto os com TEA, migraram para outra orquestra, considerada mais avançada no contexto institucional. Essa atitude evidenciou um processo de exclusão marcado por uma hipótese de capacitar e menor sensibilidade psicopedagógica em relação às necessidades dos alunos com deficiência, que permaneceram na orquestra, demonstrando compromisso, musicalidade e responsabilidade no cumprimento de suas atividades enquanto estudantes da instituição.

O docente acompanhante especializado relata situações que evidenciam atitudes de capacitar, rejeição e indiferença por parte de alguns integrantes da orquestra. Embora se sinta incomodado com tais comportamentos, ele reafirma seu compromisso com o processo de inclusão, conquistado com esforço ao longo do tempo nesse contexto. Dentro de suas

possibilidades, realiza intervenções e diálogos sutis com os membros da orquestra, buscando promover uma convivência mais respeitosa e inclusiva.

Neste sentido, Cordeiro (2017) destaca a relevância do acompanhante especializado no processo de inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente educacional, uma vez que, em determinados casos, a sociabilização pode estar comprometida. Ações como iniciar uma conversa, interagir ou adotar uma perspectiva empática podem representar desafios significativos. Assim, a mediação realizada pelo acompanhante torna-se uma ferramenta essencial no processo de inclusão, sendo também uma das principais estratégias para promover a Modificabilidade Cognitiva.

Durante os ensaios, torna-se evidente o papel do acompanhante especializado no processo de inclusão. Sua presença constante, ao tocar com os estudantes, revela um compromisso psicopedagógico que vai além da execução técnica. De maneira discreta, ele oferece



Figura 3 – Descrição de Imagem: Recorte de imagem de um ensaio da orquestra, destacando a seção de violinos e violas em primeiro plano. Observa-se a interação entre o acompanhante especializado e um dos estudantes com diagnóstico de TEA, cujos rostos foram desfocados para preservação da identidade e garantia de privacidade.

Fonte: Acervo pessoal de Thaynah Patricia Borges Conceição.

orientações, intervém com correções sempre que necessário e estabelece uma interação eficaz, por meio de contato visual, gestos de incentivo e falas pontuais. Como resultado, os violoncelistas em formação demonstram maior segurança, o que contribui significativamente para a fluidez e a qualidade do ensaio. Ademais, sua prática favoreceu a construção de um ambiente educacional intencionalmente inclusivo, caracterizado por estímulos positivos e possibilidades de desenvolvimento musical, social e emocional.

Os alunos autistas observados demonstram interesse, empolgação, responsabilidade e satisfação em sua participação como estudantes de música, integrando uma orquestra. O acompanhante especializado desempenha um papel mediador do processo de desenvolvimento musical desses alunos, que necessitam de suporte especializado durante os ensaios. Sua atuação busca, de maneira intencional, favorecer tanto a inclusão psicopedagógica-musical quanto a integração social dos alunos de violoncelo na instituição de ensino, promovendo um ambiente propício



Figura 4 – Recorte de imagem de um ensaio da orquestra, destacando a seção de violinos e violas em primeiro plano. Observa-se a interação entre o acompanhante especializado e um dos estudantes com diagnóstico de TEA, cujos rostos foram desfocados para preservação da identidade e garantia de privacidade.

Fonte: Acervo pessoal de Thaynah Patricia Borges Conceição.

ao seu desenvolvimento acadêmico e artístico.

Observou-se que o participante egresso apresentava maior autonomia na prática musical, enquanto os dois estudantes em formação ainda demandavam suporte mais direto. Durante o processo, um desses estudantes foi promovido à função de chefe de naipes dos violoncelos, o que evidenciou avanços significativos em aspectos de desempenho e socialização.

Esses resultados vão ao encontro das contribuições de Cardiella (2014), que destaca que, embora não exista prevenção ou cura conhecida para o Transtorno do Espectro Autista, diferentes formas de envolvimento com a música têm se mostrado eficazes no apoio a indivíduos autistas, especialmente no que diz respeito ao engajamento em atividades sociais. A autora ressalta que a vasta literatura sobre os comprometimentos neurológicos associados ao autismo, aliada a diversas evidências empíricas, aponta para os efeitos positivos da música sobre as mesmas funções neurológicas afetadas pelo transtorno.

Nesse sentido, a autora descreve como a participação em conjuntos musicais inclusivos, como orquestras, pode representar uma ferramenta valiosa para o aprimoramento do engajamento social e para a construção de vínculos entre pares, sobretudo na infância. O desenvolvimento de competências musicais em grupo desde as fases iniciais da vida pode favorecer não apenas a continuidade da prática musical, mas também o fortalecimento da socialização ao longo da trajetória pessoal e educacional do indivíduo com TEA.

Os comportamentos sociais aprimorados e o aumento de interações e amizades observados no contexto desta pesquisa corroboram os achados de Cardiella (2014), sendo consistentes com a literatura neurológica e comportamental, que associa o fazer musical em grupo a avanços significativos nas habilidades sociais de crianças e jovens com autismo. Assim, reforça-se a relevância de estratégias educativas inclusivas, que aliam a prática musical à mediação especializada, para a promoção de um ambiente favorável ao desenvolvimento integral desses alunos.

Embora os resultados obtidos nos ensaios de orquestra com os alunos autistas demonstrem interesse, empolgação e um ambiente de aprendizagem enriquecido, a realidade da inclusão psicopedagógica-musical é mais complexa do que parece à primeira vista. Como aponta Monteiro e Teles (2025), a inclusão de Pessoas com Deficiência, como os autistas, não é um processo simples e está longe de ser isento de desafios. Embora a atuação do acompanhante especializado evidencie eficácia neste contexto, a implementação de práticas inclusivas eficazes ainda enfrenta obstáculos, como a falta de formação continuada para os professores, a escassez de recursos e infraestrutura adequados, e a ausência de uma articulação mais eficiente entre os profissionais envolvidos. Estes fatores podem dificultar a aplicação real e efetiva da inclusão, especialmente em contextos exigentes como as escolas especializadas em música.

A presença crescente de pessoas autistas em diversos espaços sociais, incluindo os ambientes artísticos e técnicos como orquestras

psicopedagógicas, exige um reconhecimento ainda mais urgente das suas necessidades específicas. No entanto, a presença do acompanhante especializado, embora cada vez mais reconhecida e necessária, ainda é uma figura pouco regulamentada e, em muitos casos, ausente em tais contextos. Portanto, a pesquisa aqui apresentada traz à tona a importância de repensar a inclusão, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de práticas mais inclusivas, políticas públicas voltadas para a educação musical inclusiva, e a formação docente que favoreça o atendimento das necessidades de alunos neuroatípicos.

Enquanto o papel do acompanhante especializado é relevante e faz diferença no processo de inclusão, deve-se reconhecer que esse é um processo desafiador e contínuo. A superação desses desafios é possível, como sugerem Monteiro e Teles (2025), mas requer esforços conjuntos, formação adequada, e um compromisso real com a criação de ambientes acessíveis e sensíveis à diversidade, permitindo que participantes neuroatípicos e neurotípicos possam aprender e crescer juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de pessoas autistas é cada vez maior em variados espaços sociais, e a inclusão se faz necessária nestes contextos, inclusive em escolas especializadas em música e na prática orquestral. O acompanhante especializado, embora seja uma realidade consolidada em muitas escolas regulares, ainda precisa ser efetivamente integrado no âmbito das instituições de ensino especializado e técnico.

O caso aqui relatado é inédito, não havendo registros acadêmicos prévios sobre o acompanhamento especializado de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em contextos de orquestra com propostas psicopedagógicas. Isso evidencia o quanto ainda é necessário avançar no processo de inclusão em ambientes técnicos e artísticos. Almeja-se que esta publicação contribua para referenciar práticas inclusivas bem-sucedidas e que aponte caminhos para a efetivação de processos semelhantes em outras instituições.

Dentre os principais achados, destaca-se a atuação do acompanhante especializado como elemento mediador central no processo de desenvolvimento musical, emocional e social dos alunos autistas observados. A presença constante deste profissional durante os ensaios garantiu segurança, encorajamento, comunicação assertiva e adaptação psicopedagógica, aspectos que foram essenciais para o engajamento e a permanência dos alunos. Observou-se, ainda, que a mediação contribuiu para a criação de um ambiente propício ao crescimento artístico e pessoal.

No entanto, a pesquisa também revelou desafios substanciais. Houve episódios de indiferença por parte de alguns colegas e profissionais da música, o que pode ser interpretado como expressão de capacismo. A substituição inesperada da regente titular por condutores(as) que desconheciam a dinâmica da turma gerou rupturas na condução dos ensaios, dificultando a continuidade da observação. Também se verificou a evasão de alguns alunos neurotípicos, o que, ao lado da permanência exclusiva dos alunos autistas, levantou questões sobre preconceitos ainda existentes no contexto escolar artístico.

Estes desafios apontam caminhos relevantes para futuras pesquisas. Recomenda-se o aprofundamento em estudos que investiguem a formação de professores de música para práticas inclusivas, o desenvolvimento de políticas institucionais para o acolhimento de alunos com deficiência em ambientes artísticos e o papel psicopedagógico do acompanhante especializado em diferentes linguagens artísticas. Adicionalmente, seria pertinente explorar os efeitos da convivência contínua entre alunos neurotípicos e neuroatípicos em orquestras, considerando os benefícios mútuos dessa interação. Essa dinâmica é amplamente mencionada por DeFreitas Júnior (2024) acerca das trajetórias dos grupos musicais Orquestra de Violoncelistas da Amazônia (OVA) e Orquestra de Violoncelistas da Amazônia Inclusiva (OVAi).

Como rumos futuros, acredita-se que a ampliação do debate sobre o investimento em

formação docente e a regulamentação da função do acompanhante especializado em escolas de arte possam fortalecer processos de ensino-aprendizagem. É fundamental a construção de ambientes escolares onde a diversidade seja acolhida com responsabilidade, promovendo uma cultura institucional inclusiva.

REFERÊNCIAS

BARROS, Liliam Cristina da Silva; GOMES, Luciane. **Memória e história:** 40 anos da Escola de Música da UFPA. Belém: EDUFPA, 2004.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Diário Oficial da União**, Brasília, 27 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 12 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Nota Técnica nº 24**, de 21 de março de 2013 - MEC/SECADI/DPEE. Orientação aos sistemas de ensino para a implementação da Lei nº 12.764/2012. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=13287&Itemid=1>. Acesso em: 12 abr. 2025.

CARDELLA, Carolyn. **Musical ensemble participation and social behaviors in autistic children:** collective case study. Tese (Doutorado em Educação), University of Phoenix, Phoenix, AZ, EUA, 2014. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/37f008bb469438fc89a08e072445bb2d/1?cbl=18750>>. Acesso em: 12 nov. 2025.

CORDEIRO, Cátia Muniz. O papel do tutor no contexto da educação inclusiva: formação e dificuldades. **Educação em Foco**, Belo Horizonte, v.9, p. 9-24, 2017. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/003_papel_tutor_contexto_educacao.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2025.

DEFREITAS JÚNIOR, Áureo Déo. **Memorial descritivo para promoção à classe de professor titular da carreira de ensino básico, técnico e tecnológico**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2024.

DIAGNÓSTICO de autismo ficou mais fácil e mais frequente: especialista esclarece que cada quadro é avaliado de maneira diferente. **Jornal da USP**, São Paulo, 9 de março de 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/actualidades/diagnostico-de-autismo-ficou-mais-facil-e-mais-frequente>>. Acesso em: 12 abr. 2025.

ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Grupos artísticos**. Belém, sem data. Disponível em: <<https://www.emufpa.ufpa.br/extensao/grupos-artisticos>>. Acesso em: 12 abr. 2025.

ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Cursos técnicos**. Belém, [s.d.]. Disponível em: <<https://emufpa.ufpa.br/cursos/cursos-tecnicos>>. Acesso em: 12 abr. 2025.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MIRANDA, Diocelena dos Santos; CAMARGO, Síglia Pimentel Höher. Protagonistas na inclusão escolar: acompanhante terapêutico, especializado ou de apoio? **Anais 25º Encontro de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas – ENPÓS**, Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2023. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/xmlui/handle/prefix/11927>>. Acesso em: 12 nov. 2025.

MONTEIRO, Ivete da Paixão; TELES, Cândida Celia Cesar. Intervenção docente e os alunos do Atendimento Educacional Especializado: uma revisão narrativa. **Research, Society and Development**, [s.l.], v.14, n.1, p. 1-9, 2025. Disponível em: <<https://rsdjurnal.org/rsd/article/view/48105>>. Acesso em: 12 nov. 2025.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação.

Petrópolis: Vozes, 1995.

ROMEU, Clariana Andrioli; ROSSIT, Rosana Aparecida Salvador. Trabalho em equipe interprofissional no atendimento à criança com transtorno do espectro do autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Corumbá, v.28, p. 639-641, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/MC468jkW5w8wtQwbxz3RPMH/?lang=pt>>. Acesso em: 12 nov. 2025.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

VIEIRA, Lia Braga. **A construção do professor de música**: o modelo conservador na formação e na atuação do professor de música em Belém do Pará. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detailhe/184360>>. Acesso em: 12 abr. 2025.

WHITMAN, Teresa L. **O desenvolvimento do autismo**: social, cognitivo, linguístico, sensório-motor e perspectivas biológicas. São Paulo: M. Books do Brasil, 2015.

SOBRE OS AUTORES

Thaynah Patricia Borges Conceição é doutoranda em Artes (PPGARTES) e mestra em Artes (PROF-ARTES) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Intervenção ABA para Autismo e Deficiência Intelectual e licenciada em Música (UEPA). Professora da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA-UFPA). Pesquisadora do grupo de pesquisa *Transtornos do desenvolvimento e dificuldades de aprendizagem* (GP-TDDA - UFPA). Musicista e clarinetista, atua em educação musical, educação inclusiva, educação infantil, música e desenvolvimento, com ênfase no autismo. E-mail: thaynahb@gmail.com

Rafaela Alcantara Barata é docente do Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutoranda e mestra em Artes (PPGARTES-UFPA). Licenciada em Música (UFPA) e técnica de nível médio em Música, com habilitação em violoncelo (IECG). Pesquisadora do grupo de pesquisa *Transtornos do desenvolvimento e dificuldades de aprendizagem* (GP-TDDA - UFPA). Atua como violoncelista na Orquestra de Violoncelistas da Amazônia Inclusiva e no grupo musical Estética do Possível. Desenvolve pesquisas em educação inclusiva, tecnologias assistivas e ensino-aprendizagem musical. E-mail: rrafaelaalcantara@gmail.com

Áureo Déo DeFreitas Júnior é professor titular da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor em Educação Musical pela University of South Carolina (USC), mestre em violoncelo performance pela Louisiana State University (LSU) e graduado em violoncelo performance pela University of Missouri. Pesquisador de produtividade em pesquisa do CNPq, coordena o PROF-ARTES - UFPA, a Orquestra de Violoncelistas da Amazônia Inclusiva e o grupo de pesquisa GP-TDDA, além de atuar na EMUFPA, PPGARTES - UFPA e PROF-MUS - UFPA. Desenvolve pesquisas em tecnologias assistivas para a educação musical de neuroatípicos e neurotípicos. E-mail: defreitasaurero@gmail.com

Recebido em: 14/4/2025

Aceito em: 30/11/2025